



# BRASÍLIA-DF

por **Carlos Alexandre de Souza** » [carlosalexandre.df@dabr.com.br](mailto:carlosalexandre.df@dabr.com.br) — interino



## Passado e presente

A realização de uma sessão no Senado sobre o Mercosul partiu de um requerimento apresentado pelo senador Fernando Collor (Pros-AL), presidente da República à época na Tratado de Assunção. O pedido de Collor recomenda a participação de Carlos Alberto França, novo ministro das Relações Exteriores; Paulo Guedes, ministro da Economia; e dos ex-ministros Francisco Rezek e Zélia Cardoso de Mello, que ocupavam as pastas correspondentes em 1991.

## Contra a covid

Em tempos de pandemia, um fortalecimento do Mercosul poderia repercutir em avanços na obtenção de vacinas. Uma das estruturas já montadas para avançar nessa estratégia é o Fundo para a Convergência Estrutural do Mercosul (Focem). No ano passado, o bloco aprovou um aporte de US\$ 16 milhões para medidas de enfrentamento do novo coronavírus, notadamente na realização de exames.

## Real e irreal

Um dos pontos críticos no debate institucional relativo à covid-19 são as estimativas para entrega de vacinas no país. São de triste memória, por exemplo, as previsões fantasiosas de Eduardo Pazuello, reiteradamente corrigidas para quantidades menores. Ou ainda a célebre frase “no dia D, na hora H”, referente ao início da vacinação brasileira. Na Comissão Temporária de Covid-19 do Senado, o sentimento dos parlamentares é de cautela acerca das previsões de entrega dos imunizantes.

## Uma dose, ao menos

O presidente da comissão, senador Confúcio Moura (MDB-RO), informou que, se todos os prazos anunciados pelo governo forem cumpridos, metade da população brasileira poderá receber ao menos a primeira dose até junho. Mas há muito ceticismo em relação a esses cálculos.

# Mercosul, 30 anos de expectativas

Esta semana o Senado Federal aprovou uma sessão temática a respeito do Mercosul. Os parlamentares pretendem se debruçar sobre as perspectivas do bloco regional, 30 anos a assinatura do Tratado de Assunção, que deu início à formação da aliança entre Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. A experiência europeia, resultado de mais de 50 anos de esforços intergovernamentais para reconstruir o continente após a Segunda Guerra Mundial, mostra a importância estratégica de reforçar os laços políticos e econômicos na América do Sul. Não faltam questões para se tratar sobre a consolidação do Mercosul. No final de março, o presidente Jair Bolsonaro defendeu a modernização das relações comerciais entre os países membros no bloco. Esse processo incluiria a revisão da tarifa externa comum e redução de barreiras tarifárias. O governo Bolsonaro também defende uma maior inserção do Mercosul nas cadeias produtivas mundiais. Nesse ponto, nota-se uma diferença de nuance em relação ao ponto de vista argentino. Na edição comemorativa dos 30 anos do Mercosul, o chanceler argentino Felipe Solá reforçou a necessidade de se manter o foco nos benefícios da integração regional e na redução das profundas desigualdades sociais que marcam os países do bloco.



**Então, muito cuidado, porque cronograma, infograma, funcionograma, eventograma é uma coisa muito séria e contribui para reduzir a já abalada credibilidade do político e de todos os agentes”**

*Esperidião Amin (PP-SC), senador, sobre as previsões do ministério da Saúde de vacinar metade da população brasileira até o meio do ano*

**PODER /** Presidente avisa Ministério da Saúde que será imunizado hoje em Brasília. Crítico dos fármacos, o chefe do Executivo foi aconselhado a tomar a dose por causa das novas cepas do coronavírus. Injeção será aplicada pelo ministro Marcelo Queiroga

# Bolsonaro deve se vacinar

» RENATO SOUZA  
» AUGUSTO FERNANDES

O presidente Jair Bolsonaro informou ao Ministério da Saúde que pretende se vacinar contra a covid-19 hoje, data em que a rede pública de saúde do Distrito Federal iniciará a imunização para pessoas com 66 anos, que é a faixa etária do mandatário. De acordo com fontes consultadas pelo **Correio** junto à pasta, o Gabinete de Segurança Institucional (GSI) tem alertado o presidente sobre os riscos de ele ser reinfectado com uma das novas cepas do vírus que circulam pelo país. Bolsonaro foi diagnosticado com covid-19 em julho do ano passado e pode não ter mais os anticorpos contra o novo coronavírus.

De todo modo, um estudo liderado por pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), assim como outras instituições brasileiras, aponta casos confirmados de reinfeção pela covid-19 mesmo em pessoas que têm imunidade contra

o vírus. O receio da equipe do presidente é de que ele seja exposto a variantes da covid-19 que estão em circulação no Distrito Federal — pelo menos quatro cepas mais agressivas do novo coronavírus já foram identificadas pela Secretaria de Saúde do DF, dentre elas, a que surgiu em Manaus.

Como Bolsonaro é do grupo de risco da covid-19, a recomendação de integrantes do governo é de que ele se vacine o quanto antes para evitar futuras complicações de saúde mais sérias caso venha a contrair a doença uma segunda vez.

A reportagem do **Correio** apurou que Bolsonaro seria vacinado pelo ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, que é médico cardiologista. Provavelmente, o imunizante a ser aplicado no mandatário será o desenvolvido pela Universidade de Oxford em parceria com a Fiocruz.

O endereço onde Bolsonaro será vacinado ainda não foi definido e a decisão está a car-

Evanisto Sá/AFP



**Presidente chegou a afirmar na quinta-feira que só decidiria se tomaria a dose ou não “depois que o último brasileiro fosse vacinado”**

go do GSI. O certo é que a pasta não quer que o presidente receba o imunizante em um local de grande exposição ou que comprometa a segurança do mandatário.

## Polêmicas

Desde o ano passado, o presidente Jair Bolsonaro critica publicamente a vacina, principalmente a CoronaVac, produzida em

parceria com o Instituto Butantan e a empresa chinesa Sinovac. Ele chegou a falar, em uma live, que “não tomaria a vacina chinesa”. O chefe do Executivo defende a existência de um tratamento precoce

com medicamentos que não tem eficácia científica comprovada para combater o vírus.

Na quinta-feira, Bolsonaro afirmou que ficaria entre os últimos lugares na fila da imunização, e que só tomaria a dose caso sobrasse. “Está uma discussão agora se eu vou me vacinar ou não vou me vacinar. Eu vou decidir. O que eu acho? Eu já contraí o vírus. Depois que o último brasileiro for vacinado, se tiver sobrando uma vacina, daí eu vou decidir se me vacino ou não. Esse é o exemplo que um chefe tem que dar. Igual no quartel. Geralmente, o comandante é o último a se servir. É o que dá exemplo a todos”, afirmou.

Ele chegou a ironizar a eficácia da CoronaVac, que é de 50,38% no geral, mas que previne em 100% os óbitos e casos graves pela doença. “Alguém sabe quantos por cento da população vai tomar vacina? Pelo que eu sei, menos da metade vai tomar vacina. E essa pesquisa que eu faço, faço na praia, faço na rua, faço em tudo quanto é lugar”, disse.

Miguel Schincariol/AFP



Defesa do petista pede anulação da sentença de outros dois processos

# Lula ataca Moro no Supremo

A defesa do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva pediu ao Supremo Tribunal Federal (STF) a extensão do habeas corpus em que foi declarada a suspeição do ex-juiz Sergio Moro para duas outras ações contra o petista na Lava-Jato — a do sítio de Atibaia (em que foi condenado) e a da sede do Instituto Lula. Os advogados alegam que os processos estiveram “sob a condução enviesada” de Moro e requeiram — assim como foi decidido pela Segunda Turma do STF no caso do triplex — que todos os atos processuais sejam anulados.

No julgamento em que Moro foi declarado parcial, a Segunda Turma do Supremo ressaltou que a suspeição era específica para o caso do triplex, que resultou na primeira condenação de Lula na Lava Jato. Na ocasião, a ministra Cármen Lúcia — que deu o voto decisivo ao mudar de lado — buscou restringir o entendimento ao processo envolvendo o imóvel no Guarujá (SP). No entanto, a defesa sustenta que, dos votos de ministros que se posicionaram contra Moro, “emerge a constatação de que a quebra da

imparcialidade deu-se em virtude da visão e do comportamento” do ex-juiz em relação ao ex-presidente. Os ministros Gilmar Mendes e Ricardo Lewandowski teceram diversas críticas a métodos da Lava Jato.

O pedido de extensão foi direcionado a Gilmar, que preside a Segunda Turma e assumiu a relatoria do caso após seu voto divergente ser o vencedor no julgamento do último dia 23. Gilmar contrariou o relator da Lava-Jato no STF, Edson Fachin, ao pautar a suspeição de Moro. A discussão

do caso foi retomada no dia seguinte à decisão de Fachin que anulou quatro ações contra Lula e enviou os processos à Justiça Federal de Brasília ao reconhecer a incompetência da 13.ª Vara Federal de Curitiba.

Moro nega ter agido com parcialidade. “Todos os acusados foram tratados nos processos e julgados com o devido respeito, com imparcialidade e sem qualquer animosidade da minha parte”, afirmou o ex-juiz, em nota, após o julgamento da Segunda Turma do STF.

## É melhor ir junto

A fragilidade do Brasil, em primeiro lugar, e dos demais países do subcontinente em relação às vacinas remete à constatação feita pelo diplomata colombiano Luis Alberto Moreno, presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, em recente diálogo com Fernando Henrique Cardoso. “Lamentavelmente o que temos visto durante a pandemia é um mundo de ‘salve-se quem puder’”, disse Moreno. Ele cita um provérbio africano para recomendar mais cooperação entre os Poderes, dentro ou fora das fronteiras: “Se quer ir rápido, vá sozinho; se quer ir longe, vá em grupo”.

## Calamidade

O Conselho Nacional de Saúde alertou, em carta aberta, sobre a calamidade que se instalará no Sistema Único de Saúde com o Orçamento aprovado no final de março pelo Congresso. Segundo o CNS, a peça orçamentária manteve o piso federal de 2017 em relação ao SUS. Trata-se de uma retirada de R\$ 60 bilhões na comparação com o orçamento de 2020. “Em momento de gravíssimo risco à saúde das pessoas, optou-se por considerar que a emergência sanitária nacional teria acabado em 31 de dezembro de 2020”, critica o documento. A carta finaliza com a pergunta: quem responderá por tanta morte, dor e sofrimento em meio ao SUS com recursos mais escassos?